

Entrelaçando Identidades: raça e gênero nas escritas de Henrique Marques Samyn

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn (UERJ)

Entrevistadoras

Bruna de Oliveira Sales (UERJ/CAPES)

Marcela Ansaloni de Azevedo (UERJ/CAPES)

Pâmera Ferreira Santos (UERJ/FAPERJ)

Para a nossa edição *Miscelânea*, com muito entusiasmo, anunciamos o entrevistado para o quadragésimo quarto número da revista discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professor Doutor Henrique Marques Samyn.

Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágio pós-doutoral em Letras também pela UERJ, dedica-se à pesquisa de representação de subjetividades e corpos racializados e generificados desde uma perspectiva interseccional. Desenvolve o projeto “A experiência como fundamento na literatura luso-brasileira de autoria negra” (Prociência/Pibic/UERJ) em articulação com o premiado projeto *LetrasPetras*, voltando-se ao estudo e divulgação da produção literária, cultural e intelectual de autoria negra e feminina. Além disso, é coordenador do Programa de Estudos Galegos da UERJ, no qual pesquisa o processo histórico de construção do racismo ibérico e desenvolve o projeto “(Contra)modelos de gênero na estética (neo)trovadoresca: matrizes e heranças” (Pibic/UERJ).

Além de Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Henrique Marques Samyn é autor de *Levante* (2020), *Uma Temporada no Inferno* (2022), *Os Panteras Negras: uma introdução* (2023) entre outros.

Nesta entrevista, tivemos o prazer de conhecer um pouco mais do mencionado projeto *LetrasPretas* coordenado por ele junto com suas alunas. Da importância às dificuldades em mantê-lo ativo, conversamos sobre o porquê de ter um lugar de acolhimento dentro da universidade. Além disso, também foi discutida a importância da

literatura na representação das minorias de gênero e raça, bem como abordamos as diferenças entre as escritas acadêmica e literária.

Com profunda alegria, agradecemos imensamente ao professor pela disponibilidade em nos conceder esta entrevista. Aos leitores, esperamos que este material seja de grande valia para seus estudos e pesquisas.

PALIMPSESTO

1) Para dar início à nossa conversa, gostaríamos de abordar o *LetrasPretas*¹, projeto que teve início na UERJ em 2017 e evoluiu para um projeto de extensão em 2019, do qual o senhor é o coordenador. Com o objetivo principal de analisar e divulgar a produção literária, intelectual e cultural de mulheres negras, especialmente autoras independentes, é desenvolvido com alunas negras e cotistas da Universidade. Atualmente, o projeto reúne membros que atualizam um blog, roteirizam e apresentam um programa na Rádio UERJ, além de organizarem cursos e eventos. Além disso, foi agraciado com quatro bolsas acadêmicas subsidiadas pela UERJ, abrangendo áreas como Extensão, Iniciação à Docência, Estágio Interno Complementar e Proatec. Não apenas isso, o projeto também conquistou o Prêmio Fernando Sgarbi Lima e recebeu menções honrosas. Seria possível compartilhar conosco a história da criação do projeto? Quais desafios significativos foram superados até conquistar o merecido reconhecimento? Além disso, poderia fornecer mais detalhes sobre o trabalho desenvolvido no projeto e destacar os resultados obtidos até o momento?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Em primeiro lugar, eu quero agradecer à equipe da revista Palimpsesto, periódico tão tradicional e tão importante para a nossa universidade, o convite para esta entrevista. É sempre um prazer dialogar com discentes da UERJ, da qual jamais me afastei ao longo da minha carreira acadêmica; e na qual venho atuando, como professor e pesquisador, há mais de uma década.

Passo, então, a falar sobre o projeto *LetrasPretas*. Esse projeto surgiu em 2017, com a ajuda inestimável de duas alunas: Maria Verônica da Silva e Larissa França. Nós começamos publicando um *blog*, atualizado semanalmente, no qual resenhávamos obras

1 Para mais informações sobre o projeto, acesse: <https://letraspretas.com/>.

de escritoras negras. De lá pra cá, o projeto passou por várias transformações. Muitas outras alunas se uniram a nós; começamos a realizar eventos e diversas atividades, recebendo escritoras e intelectuais negras na UERJ; e demos início às gravações do nosso programa de rádio/*podcast*, que já vai para a nona temporada, em parceria com o CTE/Rádio UERJ. No início, o projeto funcionava quase como um coletivo, o que nos possibilitava construir frequentemente espaços de aquilombamento dentro da UERJ. Com a institucionalização do projeto e a obtenção das bolsas, passamos a ter que lidar com a pressão do produtivismo, o que pesou negativamente sobre esses aspectos do projeto, mas proporcionou importantíssimos recursos acadêmicos para as nossas integrantes (diversas das quais avançaram para a pós-graduação).

Penso que projetos como o LetrasPretas são necessários porque os espaços acadêmicos ainda são muito hostis para pessoas negras – sobretudo, para mulheres negras. Tanto na graduação quanto na pós-graduação, o racismo, o sexismo e o epistemicídio incidem violentamente sobre alunas negras, a tal ponto que docentes se sentem à vontade para ofendê-las e constrangê-las durante as aulas. Ainda que não tenhamos condições de acolher no âmbito do projeto todas as alunas que nos procuram, nós nos esforçamos para que o LetrasPretas esteja presente em nossa universidade, demonstrando que é possível construir espaços receptivos para alunas negras no mundo acadêmico, apesar de todas as dificuldades. Mas os obstáculos, de fato, são muitos: desde avaliações contraditórias e inconsistentes, que criam problemas para a renovação do projeto (temos conseguido manter as nossas bolsas, mas frequentemente é necessário impetrar recursos para apontar problemas evidentes nos próprios pareceres emitidos), até a falta de condições econômicas para que as alunas sigam adiante em suas trajetórias acadêmicas. Apesar de tudo, resistimos; e eu preciso agradecer, sobretudo, às alunas que atuam como coordenadoras do projeto – atualmente: Maria Verônica, Amanda Lourenço e Camila Souza –, sem as quais seria inviável mantê-lo em funcionamento.

PALIMPSESTO

2) No *site* do projeto supracitado, ao se descreverem, encontramos a explicação de que o nome do projeto:

Parece um trava-língua, isso não ocorre por acaso; trata-se de uma metáfora para as inúmeras dificuldades enfrentadas por mulheres negras, tanto na produção quanto na publicação e divulgação de seus trabalhos, em uma sociedade na qual o racismo e o sexismo ainda se fazem presentes como forças opressoras.

Na qualidade de coordenador do LetrasPretas e pesquisador especializado em representações de gênero, gostaríamos de ouvir sua perspectiva sobre a possível contribuição da literatura canônica no desafio à estrutura patriarcal. Como você vê a evolução dessa representação no decorrer da história?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

A meu ver, uma das mais interessantes e valiosas possibilidades abertas pelos estudos sobre gênero e sobre raça, de modo mais amplo, e das perspectivas críticas feminista e negra, de modo mais específico, é a releitura de obras convencionalmente qualificadas como canônicas, a fim de possibilitar questionamentos acerca de como consolidaram certos modos de representação e parâmetros estéticos que reproduzem valores sexistas e racistas, por meio de estereótipos ou dispositivos narrativos subalternizantes, por exemplo. Assim, em oposição ao que muitas vezes se supõe, não se trata de descartar obras consideradas canônicas como desprezíveis ou irrelevantes; trata-se de lê-las a partir de outras perspectivas, com o propósito de entender o que subjaz à construção do próprio cânone ao qual foram vinculadas, assim como averiguar de que modo o apego a esse cânone legitimou o apagamento de um outro conjunto de obras (inclusive, de um vasto contingente de obras produzidas por mulheres e por pessoas negras). A partir dessas ponderações, torna-se possível averiguar em que medida o chamado cânone tem gênero e cor.

Um outro caminho possível é a construção de outros cânones, a partir de parâmetros diversos. No âmbito da crítica negra, mais especificamente, isso é algo que vem sendo pensado há décadas, de modo que dispomos de diversos trabalhos historiográficos e teóricos, assim como antologias, que possibilitam reflexões sobre qual seria o nosso “cânone negro”, no que tange a nomes considerados fundadores ou essenciais. Penso que isso é interessante porque visibiliza o fato de que, quando falamos sobre a literatura negra, tratamos de uma tradição autônoma, que se desenvolve em tensão e em contradição com a literatura brasileira hegemônica. Meu livro de poemas *Levante*,

por exemplo, foi construído exclusivamente em diálogo com essa tradição literária negra; como já enfatizei diversas vezes, e, para espanto de muita gente, os poemas de *Levante* não dialogam com autores como Castro Alves ou Jorge de Lima – meu diálogo ali é com nomes como Lino Guedes, Solano Trindade e Esmeralda Ribeiro. Mas há também quem discuta a própria necessidade de construção de um “cânone negro”, optando por outras abordagens.

PALIMPSESTO

3) Ainda hoje, na academia, um espaço dedicado à discussão e à produção de conhecimento, não é difícil nos depararmos com pensamentos contrários aos debates militantes sobre gênero e raça nos estudos literários. Sob uma perspectiva interseccional, qual seria o papel da literatura para que minorias oprimidas possam alcançar protagonismo e passem a ser considerados sujeitos com voz principalmente nesses lugares onde encontram resistência à sua presença?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Um pouco provocativamente, tomarei como partida aquela reflexão proposta por Antonio Candido, segundo a qual a literatura é uma manifestação universal dos homens, seja lá o que se chame literatura – desde as “formas complexas” das “grandes civilizações” até o assim denominado folclore, como ressaltou Candido. Daqui de onde falo, o que me interessa é justamente atentar para os limites implícitos (ou não) nesse discurso: de que tipo de “universalidade” se fala? Quem são os “homens” que produzem essa “universalidade”? A partir de quais critérios certas produções podem ser qualificadas como “complexas” e outras como “folclóricas”? O que possibilita o reconhecimento de certas civilizações como “grandes”? Vejam: o que importa é, precisamente, repensar a existência de determinações que, de maneira mais ou menos explícita, operam historicamente para desqualificar certas produções a partir de critérios arbitrários – qualificando-as como “panfletárias” ou “militantes”, por exemplo, como se isso necessariamente implicasse um prejuízo para o seu valor estético ou para os seus atributos literários. Propor uma revisão desses parâmetros demanda compreender que pessoas racializadas, ou consideradas inferiores ou desviantes no que diz respeito à ordem de gênero, sempre produziram textos associados às suas próprias experiências e visões de

mundo; e que a mera clivagem que há entre estas e os valores hegemônicos foi tomada como pretexto para obstar o seu ingresso no espaço da “literatura”. É possível, por conseguinte, questionar radicalmente o sentido do que se determina como “literário”, dispensando pretensões universalizantes ou metafísicas.

PALIMPSESTO

4) O senhor acaba de lançar o livro *Os Panteras Negras: uma introdução*, tratando da história do partido político estadunidense anticapitalista. É o seu segundo livro sobre o assunto, visto que, em 2018, organizou *Por uma revolução antirracista: uma antologia de textos dos Panteras Negras (1968-1971)*. Pensando em sua trajetória acadêmica e mesmo escolhas enquanto crítico literário, qual o senhor acredita ser o principal legado deixado pelo grupo?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Na verdade, a antologia *Por uma revolução antirracista*, publicada em 2018, serviu como base para esse novo livro – *Os Panteras Negras: uma introdução*, lançado agora, em 2023. Esses livros nasceram com a proposta de disponibilizar, para o público brasileiro, mais informações sobre um dos grupos mais importantes na história dos movimentos negros; muita gente tem uma vaga noção sobre quem foram os Panteras Negras, mas pouquíssimas pessoas conhecem a sua trajetória, o que realmente pensavam e defendiam. A antologia de 2018 teve uma boa repercussão, mas sobretudo no âmbito acadêmico; por isso, publiquei esse novo livro, com a proposta de disponibilizar uma espécie de manual introdutório. Agora, como pensar a relação entre os Panteras Negras e a literatura negra brasileira? Talvez seja possível especular sobre uma relação indireta, quer dizer: considerar que as escritoras e os escritores vinculados à nossa tradição negra, sobretudo desde os anos 1970 e 1980, estabeleceram diálogos com questões pautadas pelos movimentos negros que estiveram, também, no alvo dos Panteras – como as lutas antirracista e anticapitalista, a valorização de uma estética corporal negra etc. Mas é interessante destacar que os Panteras Negras também produziram literatura: as páginas do jornal do partido, *The Black Panther*, têm muitos poemas, alguns dos quais eu traduzi e publiquei em uma revista (*Despacho 7*, da editora Corsário-Satã). Eis um exemplo de uma pesquisa por fazer: como é possível analisar, desde uma perspectiva comparativista,

os poemas publicados em *The Black Panther* e aqueles publicados por escritoras e escritores negros nos anos 1970?

PALIMPSESTO

5) Com um grande volume de trabalhos voltado para a crítica literária, o senhor decidiu explorar a prosa ficcional em *Uma Temporada no Inferno*, em 2022. Temos o relato de um admirador de Lima Barreto que resolve reviver o momento em que o autor ficou internado no Hospital dos Alienados a fim de superá-lo e, após viver essa experiência, finalizar a escrita do romance barretiano *O cemitério dos vivos*. O que despertou sua atenção para Lima Barreto e a sua condição de saúde mental, mais especificamente?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Na verdade, a primeira versão de *Uma temporada no inferno* foi escrita mais de dez anos antes da publicação do livro, e não nasceu exatamente de uma escolha. O que aconteceu foi o seguinte: na graduação e na pós-graduação, eu vinha cursando disciplinas que tratavam de Lima Barreto, mas que só abordavam a questão racial muito superficialmente. Então, eu decidi ler a obra do Lima por conta própria, atrás do que me interessava; e, por um acaso, encontrei numa biblioteca pública da Praça Seca, que ficava perto da vila onde eu morava, um exemplar de *O cemitério dos vivos*, que sempre é publicado junto do *Diário do hospício*. Ao longo de leituras e releituras desse livro, sem qualquer pretensão, eu comecei a criar um texto que recriava e dialogava com a narrativa do Lima Barreto. Assim nasceu uma primeira versão, que chegou a ganhar um concurso literário. Contudo, num primeiro momento, esse “duplo” era apenas uma voz abstrata construída sobre o texto barretiano. O livro publicado, *Uma temporada no inferno*, é uma reescritura daquele primeiro manuscrito; nele, a voz é atribuída a um protagonista, não nomeado, cuja trajetória biográfica gera um desejo de refazer o percurso do Lima e concluir a sua obra. A criação desse personagem-narrador me possibilitou aprofundar a questão da saúde mental, porque se trata de um homem negro em uma sociedade racista, que se espelha no autor de *Numa e a ninfa* para tornar-se “alguém”. As passagens pelo hospício lançaram Lima Barreto em situações extremas; mas, ainda assim, ele não voltou as costas para a literatura – pelo contrário: ele tratou de ficcionalizar as suas vivências, buscando semelhanças entre si mesmo e escritores como Cervantes e Dostoiévski. O

personagem-narrador de *Uma temporada no inferno* tenta fazer algo parecido; em suas próprias palavras, a literatura é o seu fio de Ariadne.

PALIMPSESTO

6) Nos estudos sobre textos narrativos, as provocações do narrador, com aquilo que conta e gera questionamentos, lançam mão de instrumentos como componentes de ordem psicológica, ideológica, histórica e social, aspectos perceptuais de distância, ângulo ou quantidade de visão. O senhor, enquanto autor, poderia compartilhar como elabora o seu narrador? Considera que se inspirou ou se assemelha ao narrador de outro autor em Língua Portuguesa? O que acredita ser imprescindível em um narrador?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Eu, pessoalmente, não tenho um protocolo definido para lidar com essa construção do narrador. Há muitas soluções possíveis, e eu penso que tudo precisa se encaixar de forma orgânica em cada texto, considerando as demandas estéticas.

No caso de *Uma temporada no inferno*, a primeira versão não tinha exatamente um narrador; como já mencionei, o que sustentava a narrativa era uma espécie de voz abstrata que se apropriava do texto de Lima Barreto e dialogava com ele, explorando outras possibilidades a partir do que já estava nas obras originais – *O cemitério dos vivos* e, sobretudo, o *Diário do hospício*. Na segunda versão é que nasceu o narrador que está no livro publicado, quando eu percebi que essa voz poderia ganhar um corpo e uma história.

Mas, se me permite, eu gostaria de deslocar a sua pergunta para falar um pouco sobre *Levante*, porque algo curioso ocorreu em relação a esse livro. O que acontece é que, em *Levante*, há muitas vozes: há poemas mais descritivos ou mais líricos, que enunciam discursos desde localizações particulares – expondo, por exemplo, perspectivas de pessoas escravizadas ou de colonizadores. Alguns poemas encenam as vozes de certas figuras históricas. E já aconteceu, por duas vezes, de pessoas atribuírem a mim, como autor empírico, o que é “dito” por um personagem: o Lucas da Feira, cujo discurso, embora vocalizando a resistência antiescravista, reproduz a violência patriarcal. Isso tem por base registros históricos e narrativas tradicionais, que nos apresentam Lucas da Feira como uma figura vingativa, que violentava mulheres brancas para responder aos abusos

cometidos contra mulheres negras. Eu mesmo já abordei criticamente esse discurso, em texto publicado no livro que organizei com a professora e pesquisadora Lina Arao (*Feminismos dissidentes*); mas, em uma leitura ingênua, já houve quem pensasse que eu de alguma forma o endossaria. E o que evidencia a ingenuidade dessa leitura é que projetam em mim a voz de um personagem homem negro; mas ninguém faz o mesmo, por exemplo, com a voz do colonizador, presente em outros poemas de *Levante*.

Então, para sintetizar: o que penso ser imprescindível é, por um lado, que a instância narrativa mantenha uma relação orgânica com a proposta estética da obra; e que, por outro lado, qualquer leitura do texto atente para as complexidades dessa clivagem entre a voz ficcional ou lírica e o autor empírico.

PALIMPSESTO

7) E por fim, poderia compartilhar conosco como foi o seu processo de pesquisa para a escrita do livro *Uma temporada no inferno*? A transição da escrita acadêmica para a literária foi desafiadora para o senhor? Quais foram as facilidades e dificuldades encontradas nessa jornada?

HENRIQUE MARQUES SAMYN

Às vezes eu brinco, dizendo que escrever *Uma temporada no inferno* foi uma forma de libertação. Eu estou há muito tempo no meio acadêmico, e vocês sabem como as coisas funcionam: precisamos trazer todas as referências, explicitar sempre com quem estamos dialogando... quando se trata de obras literárias, as regras são outras. Eu posso, por exemplo, reescrever livremente trechos de obras do Lima Barreto, introduzindo as modificações que eu quero, a partir do que eu julgar esteticamente interessante, e deixar a cargo de quem lê interpretar aquilo. De fato, eu fiz isso em certas passagens de *Uma temporada no inferno*; e já houve pessoas que julgaram que eu escrevi trechos que, na verdade, foram produzidos pelo Lima Barreto. Eu também inseri no livro muitos elementos que vieram de pesquisas acadêmicas, como tratados e textos científicos produzidos entre o final do século XIX e o início do século XX, nos quais o pensamento eugênico é evidente. Um amigo escritor, o Vinicius Neves Mariano, chegou a mencionar esse material em um conto interessantíssimo, no qual ele me transforma em um

personagem (!). Há também trechos de artigos jornalísticos, crônicas... quer dizer, não foi algo difícil; foi bem divertido, inclusive porque me permitiu propor certas questões (e criar certas armadilhas) para quem se dedica à crítica literária e às pesquisas acadêmicas. Se deu certo ou não, só quem leu o livro pode dizer.

Agradeço, mais uma vez, pela ótima conversa.

REFERÊNCIAS

SAMYN, Henrique Marques. *Panteras Negras: uma introdução*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

SAMYN, Henrique Marques. *Uma Temporada no Inferno*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022.

SAMYN, Henrique Marques. *Levante*. Rio de Janeiro: Editora Jandaíra, 2020.

SAMYN, Henrique Marques. *Por uma revolução antirracista: uma antologia de textos dos Panteras Negras (1968-1971)*. Rio de Janeiro: edição do autor, 2018.

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn: Professor Associado e pesquisador procientista do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Suas pesquisas abordam a representação de subjetividades e corpos racializados e generificados a partir de uma perspectiva interseccional. Desenvolve o projeto “A experiência como fundamento na literatura luso-brasileira de autoria negra” (Prociência/Pibic UERJ) em articulação com o projeto de extensão LetrasPretas, voltado ao estudo e divulgação da produção literária, cultural e intelectual de autoria negra e feminina, desenvolvido com estudantes negras e cotistas da UERJ. Como coordenador do Programa de Estudos Galegos da UERJ, pesquisa o processo histórico de construção do racismo ibérico e desenvolve o projeto (Contra)modelos de gênero na estética (neo)trovadoresca: matrizes e heranças (Pibic UERJ). Desde 2020, leciona sobre literatura de autoria negra na Tokyo University of Foreign Studies, como Affiliated Associate Professor. Em 2023, foi convidado a ministrar presencialmente, em Tóquio, um seminário sobre literatura e crítica negra brasileira. Integrou a Comissão Consultora da Ocupação Machado de Assis, realizada pelo Itaú Cultural em 2023/2024. É membro da equipe do Gabinete em Estudos de Gênero da

Universidade de Lisboa. Como escritor, tem textos publicados em diversas antologias publicadas no Brasil e no exterior, e tem sido convidado a participar regularmente de eventos literários como a Festa Literária Internacional de Paraty, a Festa Literária das Periferias e a Primavera dos Livros, entre outros. Recebeu em 2014 o Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, sendo eleito pelos alunos do Centro de Educação e Humanidades da UERJ, por votação direta, o professor que mais contribuiu para a sua formação acadêmica. E-mail: marquessamyn@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2624-3487>.

Bruna de Oliveira Sales: É doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e é bolsista CAPES. É mestre em Literatura Portuguesa pela mesma instituição e seus estudos são voltados para as questões de gênero presentes nos romances de Camilo Castelo Branco. Além disso, é especialista em Tradução de Italiano também pela UERJ. Tem graduação em Letras: Português/Italiano pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, período em que desenvolveu pesquisas na área de Linguística, voltando-se para a Análise do Discurso, e Literatura Portuguesa, tendo pesquisado cantigas trovadorescas e o período oitocentista. E-mail: b.oliveira2703@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1494-8487>.

Marcela Ansaloni de Azevedo: Doutoranda em Literatura Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES), onde pesquisa a produção contística da escritora Maria Judite de Carvalho sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Nazar David. Mestre em Literatura Comparada (UERJ), tendo como objeto de pesquisa Lavoura Arcaica de Raduan Nassar e o silêncio que permeia a obra. Tem experiência também na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. Editora geral da Revista Palimpsesto, do Programa de Pós - Graduação em Letras da UERJ, desde maio de 2023. E-mail: marcelaansaloni@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-6960>.

Pâmara Ferreira Santos: É doutoranda, bolsista da FAPERJ, em Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desde 2021, onde também cursou sua graduação em Letras (2004-2008) e fez seu mestrado em Literatura Portuguesa (2009-

2011). Atuou como docente de Língua Portuguesa e na administração pedagógica do Ensino Básico da Marinha do Brasil, além de ter orientado trabalhos de conclusão de curso de especialização em Neurociência. Sua pesquisa é voltada para os aspectos de verossimilhança e mimese entre o contemporâneo, filosófico e literário na obra de José Saramago. Email: pamera_santos@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1488-7197>.